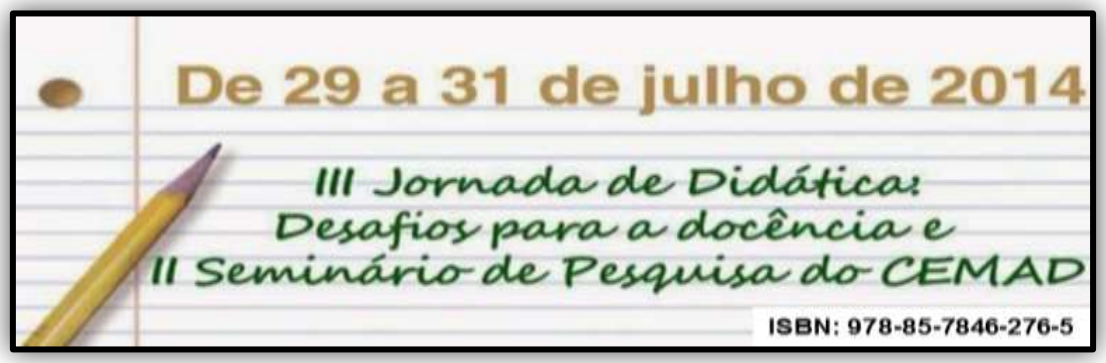

LICENCIANDOS EM LETRAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA: UM OLHAR A CERCA DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Dayane Verginia Batista
Universidade Estadual de Londrina
Daya_batysta@hotmail.com

Adriana Regina de Jesus
Universidade Estadual de Londrina
adrianatecnologia@yahoo.com.br

Eixo Temático: Didática e Práticas de Ensino na Educação Superior

Resumo:

O presente trabalho intitulado “Licenciandos em letras da Universidade Estadual de Londrina: um olhar a cerca da precarização do trabalho docente” é um recorte de trabalho de conclusão de curso e fruto de um levantamento de pesquisas realizadas junto ao Projeto de Pesquisa denominado “Gênero na Docência: uma representação dos discentes dos Cursos de Licenciatura da Universidade Estadual de Londrina”. Tem como finalidade identificar, por meio das falas dos discentes dos Cursos de Ciências Sociais, Filosofia, História e Letras, as representações que se tem em relação à docência. Para o desenvolvimento da análise deste trabalho, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica pautada em pressupostos teóricos de autores como Codo (2000), Libâneo (2004), Tardif (2002), entre outros pensadores de extrema importância para o campo educacional. Realizou-se também, uma pesquisa de campo onde pode-se perceber que a situação da profissão docente na sociedade contemporânea está relacionada à precarização que tem acompanhado o profissional da educação desde o princípio da profissão.

Palavras-chave: Trabalho docente. Precarização. Ser professor.

Introdução:

A presente pesquisa é um recorte de Trabalho de Conclusão de Curso e fruto de estudos realizados em 2011 junto ao Projeto de Pesquisa

denominado “Gênero na Docência: uma representação dos discentes dos Cursos de Licenciatura da Universidade Estadual de Londrina”, coordenado pela professora Dr.ª Adriana Regina de Jesus. O principal objetivo consistia em identificar, por meio das falas dos discentes dos cursos de licenciatura da referida universidade, relações entre gênero e docência.

A partir das discussões levantas com o grupo de pesquisa, é possível observar o quanto o docente vem passando por um processo de desvalorização, muitas vezes por parte até dos próprios profissionais.

Este trabalho tem como objetivo geral compreender, por meio da fala dos discentes do curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Londrina, as representações que se tem em relação a docência. Para tal, foi elaborado um questionário com uma única pergunta: O que é ser professor?, a qual os alunos podiam responder da maneira que desejassem, seja em forma de texto ou desenho.

Justifica-se a temática objeto de estudo desta pesquisa por entender a necessidade de se fazer uma reflexão crítica no que se refere às representações dos discentes dos cursos de licenciatura quanto ao trabalho docente, podendo, desta maneira, diagnosticar e, ao mesmo tempo, propor novas possibilidades relacionadas ao contexto da sociedade contemporânea.

Precarização do trabalho docente: uma construção histórica

2.1 Trabalho Docente: uma identidade em construção

A figura do professorado vem passando por inúmeras transformações relevantes ao decorrer do tempo, fazendo com que este profissional busque redefinir seu papel e sua função de acordo com as mudanças que desorganizam suas relações com o trabalho, exigindo do professor sempre um repensar sobre sua profissão, assim como destaca Pimenta:

> [...] a identidade profissional do professor se constrói a partir da significação social da profissão [...] constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor. Assim,

> como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos, e em outros agrupamentos (PIMENTA, 2002, p. 7).

O trabalho docente, desde sua origem, tem passado por inúmeras tranformações por consequência das mudanças ocorridas na educação e na sociedade que se modifica constantemente. Essas modificações refletem na atuação dos profissionais da educação, visto que as exigências são maiores, tanto por parte da sociedade quanto por parte do próprio aluno. O educador lida hoje com novas perspectivas, fato que exige do docente uma nova forma de pensar acerca de sua prática em sala de aula.

Diante de tantas tranformações e das inúmeras responsabilidades delegadas ao profissional da educação, este acaba por cair em paradoxo. Ora é visto como o profissional essencial e indispensável para o desenvolvimento da sociedade, ora é desvalorizado devido às insatisfações e dificuldades encontradas. Isso se deve ao cenário educacional brasileiro. A formação de professores no Brasil esteve, por muito tempo, atrelada apenas à transmissão do conteúdo por parte do professor, sem uma preocupação maior com o desenvolvimento do aluno e sua aprendizagem, era suficiente que o professor tivesse domínio da técnica. Dava-se o nome a esta de pedagogia tecnicista.

> Os professores nessa perspectiva, são concebidos como mero executores, cabendo-lhes apenas aplicar corretamente as técnicas para atingir os fins predetermionados. Objetiva-se o controle cada vez mais burocrático do trabalho do professor. (RODRIGUES, 2005, p.4)

O profissional deve compreender qual é seu papel na sociedade atual, pois há tempos ser professor consistia em “[...] transmitir o conteúdo indiscutível a ser memorizado, num modelo de exposição que era acompanhado de exercícios a serem resolvidos pelos alunos [...] (PIMENTA, 2008, p.147). Luckesi (1994, p. 103) rememora que, para ser professor era preciso, apenas, dominar determinado conteúdo, ser capaz de apresentá-lo, controlar e avaliar os alunos.

Ao pensar na educação presume-se que a sociedade entenda que a tarefa do professor vai além da trasmissão do conhecimento, pois, devido as constantes tranformações o papel dos professores tem também se

modificado e estes:

> [...] não podem mais se comportar como simples transmissores de conhecimento estáveis ou invariáveis e de uma cultura "eterna": a cultura escolar, como também a cultura da sociedade, são envolvidas por um turbilhão. A multiplicação de inovações e de técnicas, a velocidade sempre maior com que é colocada em circulação e desaparecem objetos e saberes, certezas e idéias, provocam nos professores o sentimento de estar sendo continuamente ultrapassados (TARDIF, 2005, p. 145).

A atividade docente vem passando por inúmeras mudanças políticas, sociais, econômicas, culturais e também pedagógicas. Essas transformações afetam o exercício profissional do mesmo, visto que as possibilidades de trabalho encontram-se limitadas, tendo o docente que se adaptar as condições oferecidas. Ser professor compõe um conjunto de requisitos, os quais não podem estar separados da realidade educacional que os remetem, assim a profissão precisa ser analisada de acordo com o seu contexto sócio histórico no qual a educação e o ensino estão inseridos. Neste sentido, Pimenta (2002, p. 17) entende que a educação é:

> [...] um fenômeno complexo, porque histórico, produto de trabalho de seres humanos, e como tal responde aos desafios que diferentes contextos políticos e sociais lhe colocam. A educação retrata e reproduz a sociedade; mas também projeta a sociedade que se quer. Por isso, vincula-se profundamente ao processo civilizatório e humano. Enquanto prática histórica, tem o desafio de responder às demandas que os contextos lhe colocam.

Diante das complexidades relacionadas à educação e ao contexto de nossa sociedade globalizada e possuidora de inúmeras culturas, faz-se necessário que o profissional da educação seja polivalente, sempre preparado para atender e adaptar-se a diversos públicos, sendo este possuidor de um "[...] saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experênciais" (TARDIF, 2002, p.54).

Sendo assim, as diversas mudanças ocorridas na sociedade, exigem do docente novas formas de direcionar seu exercício, pois, "a profissão docente é uma prática educativa, é uma forma de intervir na realidade social, no caso mediante a educação" (PIMENTA; ANASTASIOU, 2008, p.178). E sendo a

educação uma prática social, “é nosso dever como educadores, a busca de condições necessárias a sua realização” (VEIGA, 1989, p. 16).

Faz-se necessário ressaltar que a escola é a primeira instituição a qual fazemos parte fora da família, assim sendo, a escola “contribui na construção da nossa identidade, da nossa personalidade, de maneira básica, estrutural; organiza nossos afetos; é onde aprendemos a viver” (CODO, 2006, p.89), e é neste ambiente que encontramos o profissional da educação trazendo consigo cada vez mais responsabilidade, visto que cabe a este profissional a formação para o futuro, principalmente ao se tratar do profissional de ensino superior, este responsável pela formação de outros educadores, podendo-se afirmar que os [...] professores são sujeitos do conhecimento [...], que seu trabalho cotidiano, não é somente lugar de aplicação de saberes produzidos por outros, mas também é o espaço de produção, transformação e de mobilização de saberes que lhe são próprios (TARDIF, 2002, p. 237).

O trabalho docente é especificamente o responsável direto para a formação de novos professores, com relação à formação superior, pode ser compreendido como “uma ação contínua e progressiva, que envolve várias instâncias e atribui uma valorização significativa para a prática pedagógica e para a experiência, cosideradas componentes constitutivos da formação” (VEIGA, 2005, p.6), Veiga completa:

> [...]a formação é um processo coletivo de construção docente. É uma reflexão conjunta, na medida em que a prática decorrente dessa formação será necessariamente coletivizada; não é uma construção isenta de conflito, mas torna-se mais produtiva se e quando partilhada, [...] a formação como processo significa uma articulação entre formação pessoal e profissional(VEIGA, 2005, p.6).

A formação acadêmica é um processo que implica uma articulação entre o pessoal e o profissional, construídas de forma coletiva a partir de reflexões, trocas de experiências e busca por novos conhecimentos, fatores de extrema importância para a profissão docente, uma vez que sua formação não pode estar limitada à formação inicial, pois o docente é o responsável pela formação educacional de novas pessoas, contribuindo com este pensamento Wielewicki et. al (2007, p.6) afirmam que:

> [...] a formação do professor é um processo que não se finaliza com a formação inicial; ao contrário impõe, como indispensável, a formação continuada em que práticas profissionais se tornem a base da formação. Assim, longe de pensar a formação como inerentemente insuficiente, optamos pela idéia de incompletude, uma vez que cada momento ou experiência formativa abre possibilidades para novos momentos de formação, assumindo um caráter de recomeço, renovação, inovação da realidade pessoal e profissional, tornando-se a prática a mediadora da produção do conhecimento […].

Codo, completa dizendo que:

> [...] Onde começa e onde termina a educação [...] a resposta seria sempre a mesma: Começa em lugar nenhum, em qualquer lugar, em todos os lugares, nunca termina. Jamais pode se considerar completa, acompanha cada homem, cada mulher, desde o primeiro passo, a primeira palavra até o último suspiro (CODO, 2006, p39).

A educação é construída a partir de conhecimentos específicos, assim como também pela atividade de ensinar a qual possibilita a compreensão do trabalho docente dado a partir de conhecimentos adquiridos, construídos na formação inicial e na formação que acontece durante toda a vida.

Ser professor, hoje, consiste na imensa responsabilidade de formar o educando, o preparando para o convívio numa sociedade em constante transformação, capaz de responder aos desafios da atualidade.

> [...] num espaço de formação, convive-se simultaneamente, com a inovação e a incerteza. Por isso, a educação dos seres humanos torna-se mais complexa, e a formação do professor; também, passa a assumir essa complexidade. Para superar a dicotomia entre ensino e pesquisa, teoria e prática, e possibilitar a construção de uma práxis dinamizada pela iniciativa, pelo envolvimentos do futuro professor em projetos educativos próprios e fundamentados, torna-se necessário reconhecer tal complexidade (ENS, 2007, p.125).

Ao pensar o professor como um profissional da educação que contribui para uma melhoria na sociedade por meio de seus conhecimentos compartilhados, compreende-se que este não pode existir sem a presença do compromisso político-social, uma vez que a formação do cidadão está diretamente ligada a dimensão política de formação que visa formar cidadãos críticos e transformadores, como diz também Imbernón (2002, p.27) “o objetivo da educação é ajudar a tornar as pessoas mais livres, menos dependentes do

poder econômico, politico e social. E a profissão de ensinar tem essa obrigação intrínseca".

Além deste compromisso, cabe ao professor ter a devida clareza de seu papel numa sociedade cheia de diferenças sociais, econômicas e culturais, no sentido de atuar sobre esta realidade, se manifestando como um ser capaz de perceber e questionar as ideologias sociais e econômicas que o rodeiam.

Diante do exposto acima, é entende-se que os cursos de formação de professores, segundo Giroux (1997, p.159),

> Muitas vezes, perdem de vista a necessidade de educar os estudantes para que eles examinem a natureza subjacente dos problemas escolares. Os futuros professores aprendem metodologias que parecem negar a própria necessidades de pensamento crítico. Além disso, esses programas privilegiam o discurso do gerenciamento e da eficiência, nessa abordagem, a vida escolar organiza-se em torno de especialistas em curriculo, instrução e avaliação, aos quais se reserva a tarefa de concepção, ao passo que os professores são reduzidos a tarefa de implementação.

Giroux complementa que "os programas de educação de professores poucas vezes estimulam os futuros professores a assumir seriamente o papel do intelectual que trabalha no interesse de uma visão de emancipação" (1997, p.198), desta forma, verifica-se a falta de estímulo para os profissionais da educação desde o seu processo de formação.

Ser professor na atual conjuntura é, incontestavelmente, contribuir para a formação de pessoas críticas e comprometidas, além de conhecer o mundo em que se vive, situando-se e buscando respostas aliadas ao pensamento crítico, que resulte na reflexão de sua própria ação educativa.

Vê-se que inúmeras são as exigências e tranformações a respeito do trabalho docente, muito se tem esperado deste profissional que há tempos tem buscado sua identidade perante a sociedade, este também que encontra-se num estado de precarização, que necessita ser compreendida de forma histórica.

Metodologia de Pesquisa e Análise dos dados

Diante dos estudo levantados, pretendeu-se analisar como os alunos dos Cursos de Licenciatura da Universidade Estadual de Londrina, futuros docentes, entendem o trabalho docente. Os sujeitos da nossa pesquisa apresentam uma faixa etária dos 18 aos 50 anos, totalizando 52% do sexo feminino e 48% do sexo masculino, num total de 53 alunos participantes da pesquisa.

Vale ressaltar que a pesquisa foi realizada em sala de aula, onde os integrantes do projeto de pesquisa, com a autorização dos professores de sala, pediam para que os alunos em uma folha do seu próprio caderno, relatassem em forma escrita ou desenho o que é ser professor.

A metodologia de pesquisa utilizada nesse estudo tem como pressuposto teórico a Análise do Discurso cujo objetivo é compreender uma mensagem e reconhecer qual é o seu sentido, ou seja, seu valor em um determinado contexto e sua dependência com ele. Putnam e Fairhust (2001) definem a análise do discurso como o estudo de palavras e expressões, na forma e uso no contexto, além dos significados ou interpretaçõesde práticas discursivas.

Essa metodologia se preocupa em mostrar além do conteúdo em si, ou seja, como está sendo usado determinado conteúdo e quais as consequências desse uso. A análise do discurso envolve algo mais do que saber o que se fala, envolve saber quem fala, para quem fala, como falam e para quê falam, pois o discurso pode ter inúmeras funções e significados.

O método de análise do discurso, segundo Orlandi (1989, p. 35), “requer” alguns passos:

> [...] definir o tema e o problema da pesquisa; revisão de literatura que trata do problema; selecionar as fontes que serão pesquisadas; verificar a possibilidade de acesso às fontes; fazer a leitura das fontes; identificar as idéias principais do texto; identificar pontos-chave do texto, isto é, como o emissor se projeta, quais referências usa, como se dirige ao receptor, que linguagem é empregada, que dimensões ressalta e que argumentos usa; identificar nos dados padrões entre os pontos-chave e diferenças em relação ao tipo de receptor, descrever minuciosamente os elementos identificados, voltar ao problema de investigação, verificar se os resultados obtidos confirmam ou não as teorias revisadas e que deram suporte à investigação; fazer uma conclusão e elaborar a redação final apresentando pesquisa que foi realizada.

As entrelinhas são muito importantes de serem verificadas na análise do discurso. As intenções não verbalizadas, mas inseridas na prática discursiva, devem ser levadas em conta. Por isso, os textos analisados devem ser completos, incluindo a situação em que eles foram realizados, os objetivos aos quais prestaram e como foram recebidos.

Para tanto, foi feita uma pesquisa de campo com alunos dos 1º e 4º anos do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Londrina, tendo como premissa uma única questão: "O que é ser professor?". Podendo respondida da maneira que o graduando desejasse, seja em forma de desenho, poesia ou texto escrito.

Segundo Lakatos e Marconi (1996, p. 75), a pesquisa de campo é:

> [...] a pesquisa em que se observa e coleta os dados diretamente no próprio local em que se deu o fato em estudo, caracterizando-se pelo contato direto com o mesmo, sem interferência do pesquisador, pois os dados são observados e coletados tal como ocorrem espontaneamente.

As circunstâncias da realidade social, em certo período histórico, submetem os sujeitos às experiências que caracterizam a profissão. No que tange aos professores, os ensinamentos sociais foram transmitidos das gerações adultas ao mais jovens, sempre dentro de um contexto social e cultural produzido pelas razões da escola na sociedade. Do enaltecimento que confere prestígio ou poder à desvalorização da categoria, com aviltamento nas condições de trabalho, a identidade docente é construída historicamente.

Ao pensar sobre a criação dos padrões sociais a que o professor está inserido, podemos nos ater as contribuições de Moscovici ao dizer que,

> [...] mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adéquam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser compreendido, nem decodificado (2010, p.34).

Partindo das relações entre sujeitos que as representações sociais a respeito da identidade docente se solidificam no imaginário coletivo, pode-se notar que o recorte da realidade "representa uma herança cultural cuja

apropriação se dá pela mediação da educação" (PEREIRA E MARTINS, 2002, p.122), diante desta perspectiva serão aqui descritas parte das representações dos alunos do curso de Licenciatura em Letras, referentes ao ser professor.

Optou-se por entrevistar alunos do 1º e 4º ano para que fosse possível analisar as representações tidas ao ser professor sob diferentes olhares e podendo-se investigar se as representações se modificam ao relacionar o primeiro e o último ano cursado.

Dentre as categorias encontradas junto a análise dos dados obtidos, será neste trabalho enaltecida a categoria relacionada a precarização do trabalho docente, entre alguns aspectos apontados sobre gênero.

Entende-se por precarização do trabalho docente as falas dos alunos que focalizam a má remuneração, falta de reconhecimento do profissional, falta de apoio público e estatal, más condições de estrutura, desrepeito ao profissional da educação entre outros fatores que levam a um mal estar docente.

> A expressão "mal-estar docente" é intencionalmente ambígua. O termo "mal-estar" refere-se, segundo o Dicionário da Academia Real da Língua, a um "deslocamento ou incômodo indefinível". A dor é algo determinado e que podemos localizar. A doença tem sintomas manifestos. Quando usamos o termo "mal-estar" sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por quê. Zaragoza (1999, p.12)

O desprazer docente junto a realização de seu trabalho pode ocorrer pelos mais diversos fatores, fazendo-se presente então as indefinições de tal incômodo. Vale salientar que enquanto uns professores incomodam-se com determinadas situações, outros se mostram indiferentes, justificando, então, o fato de que nem todos os docentes sofrerem um mal estar pelo mesmo motivo.

Dentre os diversos fatores que provocam o mal estar docente, encontram-se,

> O elevado número de alunos por turmas; a infra-estrutura física inadequada; a falta de trabalhos pedagógicos em equipe; o desinteresse da família em acompanhar a trajetória escolar de seus filhos; a indisciplina cada vez maior; a desvalorização profissional e os baixos salários, situações que fogem de seu controle e preparo (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005, p. 194).

A profissão docente vem passando por inúmeros desafios, o que ser vizualidado por meio das falas dos alunos licenciandos entrevistados.

Foram entrevistados 53 alunos do 1º ano e 27 alunos do 4º ano do curso de letras. Os alunos do referido curso apontam três representações junto ao ser professor, sendo estas: a precarização do trabalho docente relacionada a defasagem salarial, profissionais desqualificados, e também a questão do gênero. O gráfico, abaixo, ilustra:

Gráfico 7 - Precarização da profissão docente – 1º ano Letras

Fonte: o autor

> Hoje o que deparamos no Brasil é com milhões de professores desqualificados. Não menciono "qualificado" com papéis ou certificados, porque se assim for temos professores qualificados. O que acontece com nossa sociedade e nosso sistema é constrangedor o que nos faz ter uma visão destorcida do que é ser professor. Ser professor segundo algumas análises, algo que nos decepciona com: ter pouca remuneração, muito trabalho e entre outros. (Aluno 1 – 1º Ano Letras Inglês)

> Com relação a docência ainda há um defasagem de salários e parece que a mulher tem que fazer e demonstrar muito mais que os homens para conseguir alcançar um lugar mais alto na sociedade.Pra mim é muito diferente ter um professor homem e mulher. Com homens o aprendizado é mais "quadrado" parece estar mais ligado as areas exatas do que humanas e com professora a aula flui mais facilmente. (Aluno 2 – 1º Ano Letras Inglês)

Os exertos ilustram a visão do graduando acerca da compreensão da má formação como fator propulsor da desvalorização docente.

Esse ponto coloca em pauta a qualidade dos profissionais no mercado de trabalho. Vale ressaltar ainda, que se o profissional buscar melhor qualificação, talvez este seja valorizado e os demais fatores relacionados à precarização do trabalho docente passem por melhorias. De acordo com a compreensão de Imbernón (2002, p. 44):

> A melhoria da formação ajudará esse desenvolvimento, mas a melhoria de outros fatores (salário, estruturas, níveis de decisões, níveis de participação, carreira, clima de trabalho, legislação trabalhista etc.) tem papel decisivo nesse desenvolvimento.

Deste modo, entende-se que não basta formar o professor, mas se faz necessário investir nas mínimas condições imprescindíveis para que seu trabalho seja realizado de forma digna. Dentre as melhorias que podemos apontar junto a análise dos dizeres acima, encontram- se as elencadas por GASPARINI,

> O elevado número de alunos por turmas; a infra-estrutura física inadequada; a falta de trabalhos pedagógicos em equipe; o desinteresse da família em acompanhar a trajetória escolar de seus filhos; a indisciplina cada vez maior; a desvalorização profissional e os baixos salários, situações que fogem de seu controle e preparo (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005, p. 194).

Os alunos do quarto ano do curso de Letras apontam algumas questões que precisam ser consideradas, como representa o gráfico abaixo seguido das falas dos alunos.

Gráfico 8 - Precarização da profissão docente – 1º ano Letras

Fonte: o autor

> Bom, acredito que o professor não é reconhecido no Brasil, sendo que é a base para que se desenvolvam outras profissões, e mesmo sabendo a importância do professor, ninguém faz algo que realmente ajude a nossa profissão a ser mais segura e reconhecida. (Aluno 1 – 4º Ano Letras)

> É muito importante que a pessoa quando opta pela profissão, esteja ciente das "dificuldades" que encontrará pelo caminho. Que façam da profissão um instrumento de luta constante para melhorar as condições de trabalho. (Aluno 2 – 4º Ano Letras)

> Infelizmente, em nosso país a profissão de professor não é valorizada, é vista como uma profissão ruim o que creio que tem ajudado na diminuição dos ingressos ao vestibular, pois nos cursos de licenciatura sempre tem sobra de vagas. (Aluno 3 – 4º Ano Letras)

> Ser Professor é cansativo, exige paciência e tempo e é muito pouco recompensado pouco dinheiro e muito stress. Trabalhando com os alunos e sendo aluno vejo meus professores e cada vez acho que é muito trabalho e baixo salário. (Aluno 4 - 4º ano Letras)

As falas acima retratam a precarização e a falta de reconhecimento do professor junto ao país, o que nos remete às politicas públicas que deveriam estar a favor da educação, visando sua melhoria, porém Nóvoa nos faz perceber que não é bem isso o que acontece, ao dizer:

> Os partidos políticos deixaram de ser lugares de doutrina e transformaram-se em "máquinas eleitorais", orientadas para a participação no poder e nas instituições; mesmo os partidos de esquerda, tradicionalmente portadores do sonho de uma sociedade nova, desinteressam-se consideravelmente pela educação e cultura (NÓVOA, 1995, p.30).

As discussões lembradas pelos alunos não são inéditas, mas, antigas. Os alunos do 4º ano de Letras trazem um discurso sobre a profissão professor reconhecendo o valor da profissão, bem como sua importância à sociedade, contudo, apresentam, ainda, um olhar desvalorizador. O mesmo olhar lançado por professores, sociedade, e, em especial, pelas políticas públicas.

Um dos alunos destaca ainda a profissão como algo cansativo e com certo grau de dificuldade, observando que esta se apresenta em qualquer

que seja a profissão, porém no que se refere à docência em seu início, pode-se relacionar a uma fase de sobrevivência, como aponta Garcia,

> a “fase inicial da construção da docência configura-se como um período de aprendizagens intensas e de grandes dificuldades, de modo que superá-las e conseguir permanecer na profissão implica mesmo num verdadeiro processo de sobrevivência.” (2009, p.8)

O que pode se explicar pelo fato de “ao estrearem em sua profissão, muitos professores se lembram de que estão mal preparados, principalmente para enfrentar condições de trabalho difíceis, sobretudo do ponto de vista do interesse pelas funções, da turma de alunos, da carga de trabalho etc.” Tardif e Raymond (2000, p. 229). Situação esta que com o passar do tempo, estudo e ganho de experiência passam a se tronar mais suaves.

MARIANO, completa dizendo:

> A cada dia, construímos uma cena. Porém, o espetáculo nunca estará totalmente preparado, mesmo que a ele dediquemos a nossa melhor atuação. Por mais que estudemos o nosso papel e nos julguemos preparados para assumi-lo, sempre iremos encontrar situações nunca antes imaginadas nem vivenciadas (MARIANO, 2006, p.18).

Reconhece-se quão necessária é uma constante busca pelo conhecimento e, em especial, a importância do querer exercer a profissão por parte do docente, afinal, é ele o protagonista do enredo chamado educação.

Embora o gênero tenha sido diretamente citado apenas pela fala dos alunos do curso de Letras, a questão do gênero está atrelada a todas os assuntos até aqui abordados, uma vez que a partir da feminização do magistério, a grande maioria dos profissionais da educação passaram a ser mulheres assim como afirma Viana, em um de seus estudos, “a profissão do magistério, embora de início tenha sido considerada masculina, paulatinamente acabou por se tornar um nicho do mercado de trabalho, predominantemente por mulheres” (2011, p.2).

Vianna (2002) complementa dizendo que a feminização do magistério não está apenas relacionada a maioria dos docentes serem mulheres, mas aos significados femininos nas atividades docentes, independentemente de quem as realiza. De acordo com a autora, o magistério é

uma profissão feminina em decorrência de uma atribuição social.

No que se refere a precarização até então apontada, junto a desvalorização docente e também má remuneração, está também atrelada à questão de gênero, mais precisamente com a efetiva entrada da mulher no mercado de trabalho ocorrida com a revolução industrial em meados do século XIX. Corroborando com tal argumento, Catani afirma que:

> Para que a escolarização se democratizasse era preciso que o professor custasse pouco: o homem, que procura ter reconhecido o investimento na formação, tem consciência de seu preço e se vê com direito à autonomia — procura espaços ainda não desvalorizados pelo feminino. Por outro lado, não se podia exortar as professoras a serem ignorantes, mas se podia dizer que o saber não era tudo nem o principal. Exaltar qualidades como abnegação, dedicação, altruísmo e espírito de sacrifício e pagar pouco: não foi por coincidência que este discurso foi dirigido às mulheres (1997, p.28-29).

Ao tratar dos discentes participantes desta pesquisa, pode-se notar, no que tange a precarização do trabalho docente, que há uma desvalorização da educação como um todo, a desvalorização de seu espaço de trabalho, de sua atividade e do próprio professor, provocando uma espécie de submissão laboral, uma atividade esvaziada de sentido que compromete a concretização de uma educação para a emancipação e para a autonomia. Algo como uma “normalidade sofrente” como especifica bem Dejours (2001, p.36).,

> [...] sendo, pois a normalidade não o efeito passivo de um condicionamento social, de algum conformismo ou de uma normalização pejorativa e desprezivel, obtida pela interiorizaçãoda dominação social, e sim o resultado alcançado na dura luta contra a desestabilização psiquica provocada pelas pressões de trabalho.

Nota-se, dessa forma, que o próprio professor junto a sua prática diária, aliado a um constante estudo e sede de mudança, pode estabelecer mecanismos de ruptura e de modificação em seu ambiente de trabalho, transformando assim as percepções tidas ao trabalho docente, visando um novo olhar ao professorado.

Considerações Finais

Ao longo da pesquisa realizada, pode-se analiasar o olhar doas alunos licenciandos em Letras no que se refer a precarização do trabalho docente, percebendo a precarização como uma construção histórica, o que nos faz verificar que a desvalorização docente não é uma discussão atual, e sim, que esta vem passando por uma crise que perpassou décadas e décadas, acompanhando os diferentes momentos passados pelos professores de nosso país e ainda hoje permanece. Faz-se necessário ressaltar que a desvalorização ao longo da história foi também relacionada com a feminização do magistério, ou seja, a sociedade deixou como legado às mulheres a missão de educar, uma vez que o cuidado já era algo das mulheres, já que eram educadas para a vida familiar e teriam filhos, sendo assim, a profissão professor, tornou-se uma vocação e uma missão.

No que se refere a análise dos dados obtidos junto aos alunos do curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Londrina, ilustra-se a desvalorização docente. Os alunos, de 1º e 4º anos deixam claro quanto o profissional da educação é visto como desvalorizado. Dentre os apontamentos identificados destacam-se os seguintes: má remuneração, má formação do profissional, a desvalorização do profissional e também disparidade salarial referente ao gênero.

A precarização do trabalho docente está evidenciada pelos alunos dos cursos de licenciatura, é uma questão que acompanha a profissão desde sua origem, é fato que a docência encontra-se em crise, esta que perpassou anos e anos ganhando e perdendo força.

Foi possivel identificar ainda, que os alunos ingressantes na universidade, possuem uma visão mais idealizada, sobre o ser professor e mesmo identificando a docencia como uma profissão precária, este relatam que ainda sim desejam ser professor com desejo de mudança, já os alunos perto de se formar se mostram mais desmotivados, talvez por já terem vivenciado uma prática em sala de aula.

A execução deste trabalho permitiu esclarecer muitas dúvidas desta formanda. Neste processo de pesquisa, foram levantados questionamentos e buscas por respostas, foi possível uma mudança de olhar no que se refere a profissão docente, sendo depositada sobre esta mais valor e norte no caminho a ser seguido.

Não obstante, o surgimento de mais dúvidas e novas propostas. O assunto aqui tratado deve ser motivo de discussões nos cursos de licenciatura, para que dentro de sala de aula se busque formar um profissional da educação que vise mudanças e melhorias ao cenário educacional junto a crise que há séculos vem se arrastando. Que esta pesquisa sirva de campo de estudo para outros pesquisadores, para que inúmeros questionamentos sejam levantados e as discussões em torno da profissão docente não cessem jamais.

REFERÊNCIAS

CATANI, D. et al. História, Memória e Autobiografia da Pesquisa Educacional e na Formação. In:CATANI, D. et al. (org.) Docência, memória e gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CODO, Wanderley. **Educação:** Carinho e Trabalho. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

Dejours, Christophe. A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 2000.

FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas. Rio de Janeiro: Agir, 1952. LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. 8ºed. São Paulo: Ed. Ática, 2003. 319 P. Série educação.

GARCIA, C. M. **Los comienzos em la docência:** Um professorado com Buenos princípios. Professorado: Revista de currículum y formacióndel professorado. v. 13,n.1, 2009

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago, 2005.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2002.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão Escolar Teoria e Prática.** Goiânia: Ed. Alternativa, 5ª edição, 2004.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 19 ed. São Paulo: Campanha editora nacional, 2001. v. 59. Atualidades Pedagógicas.

MADEIRA, M. C. **Representações Sociais de Professores sobre a própria profissão**: à busca de sentidos. Universidade Católica de Petrópolis – UCP. Disponível em:<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/2027t.pdf> Acesso: em 06 ago.2011.

MARIANO, A. L. S. O início da docência e o espetáculo da vida na escola: abrem-se as cortinas... In: LIMA, E. F(Org.). **Sobrevivências no início da docência**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

ORLANDI, E.P. **Análise do Discurso.** Campinas: Pontes, 1999.

PEREIRA, Liliana Lemus S. e MARTINS, Zildete Inácio O. M. **A identidade e a crise do profissional docente**. In: BRZEZINSKI, Iiria (orgn.). Profissão professor: identidade e profissionalização decente. Brasília: Plano Editora, 2002.

PUTNAM, L; FAIRHURST, G. Discourse analysis in organizations: issues and concerns. In: ABLIN, F. M; PUTNAM, L. (Ed.) **The New Handbook of Organizational Communication.**Thousand Oaks: Sage, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **A filosofia da educação e o problema da inovação**. In: GARCIA, W.E. (Coord.). Inovação educacional no Brasil. São Paulo: Cortez /Autores Associados, 1989.

SAVIANI, Dermeval. **O legado educacional do Século XX**. 2. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SAVIANI, Dermeval (2007). Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica. In: NASCIMENTO, M.I.M, SANDANO, W., LOMBARDI, J.C. e SAVIANI, D. (Orgs.). **Instituições escolares no Brasil:** conceito e reconstrução histórica. Campinas, Autores Associados, p. 3-27.

TANURI, L. M. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 61-88, mai./jun./jul./ago. 2000.

TARDIFF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VIANNA, C. Contribuições do conceito de gênero para a análise da feminização do magistério no Brasil. In: CAMPOS, M. C. S. de S.; SILVA, V. L. G. da (orgs.) **Feminização do magistério:** vestígios do passado que marcam o presente, p.39-67. São Paulo: Edusf, 2002.

ZARAGOZA, J. M. E. **O mal-estar docente:** a sala de aula e a saúde dos professores. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.